



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE ARTES – IDA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

JULIANA LIMA DE PAULO FIGUEIREDO

**A CULTURA VISUAL COMO MÉTODO DE ANÁLISE E PRODUÇÃO DE IMAGEM
PARA ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA SESC**

RIO BRANCO – AC

2014

JULIANA LIMA DE PAULO FIGUEIREDO

**A CULTURA VISUAL COMO MÉTODO DE ANÁLISE E PRODUÇÃO DE IMAGEM
PARA ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA SESC**

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais,
habilitação em Licenciatura, pela Universidade Aberta do
Brasil, através do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Marília Panitz.

RIO BRANCO

2014

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e, depois, aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer em primeiro lugar a Deus, pois é Ele quem me guia, me abençoa, me sustenta e me ama incondicionalmente, apesar de mim. Obrigada, Senhor, por me permitir realizar mais este sonho. Eu bem sei que sem Ti, oh Senhor, nada disso seria possível. Por isso, te dedico tudo o que tenho e tudo o que sou.

Aos meus pais, Julieta Lima de Paulo e João Batista Rocha de Paulo, pelo amor, carinho e pelo incentivo aos estudos. Em especial à minha mãe Julieta, exemplo de mulher guerreira, que me ensinou a caminhar com honestidade e humildade, por estar sempre ao meu lado me apoiando e me ajudando... O meu muitíssimo obrigada!

Ao meu amado esposo, Wesley Figueiredo, que durante toda minha vida acadêmica acompanhou-me com carinho e amor, por me compreender nas horas difíceis e pelo apoio e incentivo do dia a dia. Que juntos possamos colher os frutos dessa conquista.

À minha filha Sara Liz, o maior e mais lindo presente que Deus me deu. Filha, você traz cor e alegria para a minha vida, me faz muito feliz, e em nenhum momento atrapalhou meus estudos, ao contrário, o seu nascimento me deu forças pra continuar lutando por meus sonhos.

Às amigas Taciane Barbary, Maria França, Rosilene Pedrosa, Thayara Aguiar e Josiane Maia, por toda amizade, apoio e oração.

À minha tutora presencial Helíada Marjane, com a qual sempre dividi as dificuldades da vida universitária, sou imensamente grata por todo apoio, carinho e dedicação a mim dispensados. Além de uma excelente profissional, tornou-se uma grande amiga.

À querida orientadora Marília Panitz, por toda ajuda e apoio. Muito obrigada por me auxiliar e tranquilizar nesta difícil batalha. Também a todos os professores do curso de Artes Visuais, minha eterna gratidão pela troca de conhecimentos e colaboração na minha formação acadêmica.

A todos que me ajudaram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

“Entre os estudos, comecemos por aqueles que nos façam livres”.

Michel de Montaigne

LISTA DE IMAGENS

	Nome	Pag.
Figura 01	Aldeia Indígena - Diego Gurgel	17
Figura 02	Bandeira do Acre - Diego Gurgel	17
Figura 03	A Persistência da Memória - Salvador Dali (1931)	18/21
Figura 04	A indígena - Diego Gurgel	18/24
Figura 05	Haitiano - Diego Gurgel	18
Figura 06	<i>Marilyn Monroe</i> - Andy Warhol	18
Figura 07	Dr. Raiz - Diego Gurgel	18/23
Figura 08	A Luta entre a Quaresma e o Carnaval - Pieter Bruegel (1559)	18/23
Figura 09	Lavrador de café - Cândido Portinari (1939)	19
Figura 10	A Negra - Tarsila do Amaral (1923)	19/22/24
Figura 11	Bob Esponja - Stephen Hillenburg	19/20
Figura 12	Monalisa - Leonardo da Vince (1503-1506)	19/20

LISTA DE GRÁFICOS

	Nome	Pag.
Gráfico 01	Percentual das imagens escolhidas	20

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	08
2. REVISÃO DE LITERATURA	09
2.1. CULTURA VISUAL	09
2.2. ARTE EDUCAÇÃO E A CULTURA VISUAL.....	12
3. PESQUISA DE CAMPO	16
3.1 ESCOLA SESC/ACRE	16
3.2 O PODER DA IMAGEM.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS.....	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
7. ANEXOS.....	29

ANEXO A: Plano de Aula

ANEXO B: Fotos do Projeto

ANEXO C: Autorização da Escola

1 INTRODUÇÃO

Ao levamos em consideração os cinco sentidos do corpo humano, a visão se destaca como um dos mais importantes para desenvolvimento mental. Através dela, conhecemos e desvendamos o mundo; e é com a ajuda da visão que nosso cérebro trabalha para realizarmos nossas primeiras leituras e reconhecimento de pessoas e objetos, a contar dos primeiros dias de vida.

O cérebro humano trabalha a visão através de imagens captadas ao nosso redor, influenciando de forma direta e indireta as reações humanas, expressas através da comunicação, gestos etc. Devemos também considerar que o meio cultural do qual o indivíduo faz parte influencia nos resultados dessas reações; e o que se constitui no que algumas linhas de pensamento chamam de “Cultura Visual” pode ser observado de forma pedagógica no desenvolvimento do homem como ser inserido na sociedade.

Quando entendemos que a leitura das imagens captadas pelo cérebro humano através da visão antecede a leitura gramatical, ou seja, a compreensão do texto, leva-se em consideração a importância disso para o desenvolvimento pedagógico. Um exemplo típico desse aspecto, é quando analisamos uma criança com faixa etária de 3 a 4 anos de idade em seu contato com os livros de historinhas com ilustrações. Elas conseguem entender a essência da história apenas pelo desenho, mesmo que não apresentem domínio total do alfabeto e da leitura de forma gramatical.

No Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa (2008), imagem “é a reprodução visual de um objeto ou de um ser com auxílio de aparatos técnicos. Reprodução mental de pessoa, objeto ou acontecimento”. (p. 218).

A imagem é utilizada no contexto pedagógico para auxiliar a compreensão do conteúdo didático ao qual a criança ou o adulto está exposto. Mesclar imagens de um contexto cultural utilizando a linha pedagógica da “Cultura Visual” torna possível agregar valor na arte educação, através do poder que a imagem exerce e de sua compreensão de forma ampla.

2. REVISÃO LITERÁRIA

A metodologia utilizada para realização deste trabalho foi embasada nos três eixos da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, que são eles: apreciar, produzir e contextualizar; e através da pesquisa de cunho teórico-prático que será desenvolvida por meio de pesquisa teórica e aplicação de pesquisa de campo.

2.1 CULTURA VISUAL

Para compreendermos a Cultura Visual, quando surgiu e quais suas proposições, devemos reconhecer que vivemos inundados de uma extraordinária variedade de imagens, tanto visuais como imaginárias. No nosso dia a dia, o que mais vemos são imagens, quer sejam os *outdoors* espalhados pela cidade, ou mesmo fachadas de empresas, cartazes, televisão, internet e mais uma série de outras imagens.

O surgimento da Cultura Visual como método ainda é recente. Entretanto, a imagem é vista como portadora de significados a milhares de anos, desde as primeiras inscrições nas cavernas, passando a ser vista como portadora de significado, ou seja, as imagens nos comunicam uma mensagem, explícita ou não. A partir disso, cria-se a necessidade de estudar essa comunicação realizada através das imagens, onde a mesma exerce uma influência, possuindo um poder que excede de longe a informação objetiva da qual ela também é portadora.

O surgimento da Cultura Visual está relacionado com os entremeios das viradas Linguística e Cultural, onde as imagens e a linguagem foram objetos de estudo e de crítica, além do surgimento do cinema (imagem em movimento), tornando-se assim não só um avanço tecnológico, mas, sobretudo, uma nova visualidade, e uma forma de recepção diferente da arte, onde o seu sujeito é a massa. (OLIVEIRA, 2007, p. 22)

É notório que, na década de 60, houve um movimento de pluralização da palavra “Cultura”, quando o termo foi empregado e compreendido de diversas formas, intensificando a dimensão social das transformações:

Para Marilda de Oliveira (2007, p. 23), a ascensão dos estudos culturais projetada pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, Inglaterra, possibilitou o desenvolvimento de pesquisa sobre a cultura e o modo como ela é usada e transformada por grupos sociais comuns e marginais, não os vendo somente como consumidores

passivos, mas também como produtores em potencial de novos valores sociais e linguagens culturais.

Tratando-se da utilização do termo “Cultura Visual”, grande parte dos estudiosos do tema reconhece que o uso do mesmo está centralizado na imagem visual, produzida em contextos culturais, que pode ser relacionado a propostas ligadas à cultura e ao olhar na vida contemporânea, dominada por imagens visuais, e a uma diversidade de interpretações críticas em torno das práticas culturais e sociais do olhar. A cultura visual é formada por um campo amplo de estudos relacionados com a visualidade.

A cultura visual se configura como um campo amplo, múltiplo, em que se abordam espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura. Corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência do cotidiano. Em sintonia com manifestações e abordagens que se situam nas análises pós-modernas e pós-estruturalistas, a cultura visual assinala uma orientação investigativa fundamentada na compreensão de que não é mais possível definir ou propor, em termos de campo de estudo, um lugar privilegiado que ilumine, inspire ou sirva de parâmetros para o conhecimento. (COSTA, 2000, p. 13).

Segundo Oliveira (2007, p. 24), a cultura visual é considerada como campo transdisciplinar ou pós-disciplinar. É o espaço de convergência que congrega discussões sobre diversos aspectos da visualidade, buscando, assim, fomentar e responder questões que se entrecruzam a partir de campos, como a história da arte, a estética, a teoria fílmica, os estudos culturais, a literatura e a antropologia.

A cultura visual discute a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da sociedade. Ao descobrirem o poder da imagem e o que esta representa, isso causou na cultura visual a possibilidade de desvendar mundos intermediáticos.

Fernando Hernández aponta que, para Bárbara Rogoff, as imagens competem pelo poder da representação, expondo e provocando múltiplas camadas de significados e de respostas subjetivas para experiências visuais do cotidiano, que abrangem desde a publicidade, televisão, filme, vídeo e MTV, até ambientes urbanos e sofisticadas exposições de arte.

Nas duas últimas décadas, a concepção de arte, cultura, imagem, história e educação foram transformadas, e a cultura visual, por sua vez, busca compreender esses fenômenos ocorridos, operando, muitas vezes, como mediação de representação, valores e identidade.

A cultura visual é um processo social e comunicativo que atravessa fronteiras de diferentes áreas do conhecimento para criar novos espaços de aprendizagem, campos de saber que permitem conectar e relacionar para compreender e aprender (...) decodificando, reinterpretando e transformando universos visuais. (HERNÁNDEZ, 2003, p. 114).

Ainda no campo da cultura visual, Oliveira (2007) estuda e investiga a imagem como via de acesso ao conhecimento, como experiência que realça realidades que, de outro modo, passariam despercebidas. Ao mesmo tempo em que se expandem e diversificam visões e versões do mundo, as imagens, já não subordinadas ao texto como sua ilustração, são livres para atuar diretamente sobre a mente.

É possível também chegarmos à compreensão de que existem alguns conceitos e avaliações equivocados relacionadas à cultura visual, levando muitos pesquisadores e professores de arte a concluir que a “cultura visual” e os “estudos sobre mídia/comunicação” são a mesma coisa e, portanto, deveriam ser tratados de uma mesma maneira.

Entretanto, não podemos generalizar essas duas áreas distintas. Oliveira (2007) define essa diferenciação de termos de forma clara quando expressa que:

A imagem, assim como o método científico, é ideológica e, portanto, liga contextos e significados na experiência, sejam eles políticos, religiosos, psicológicos, econômicos ou sociais. Para evitar cair na armadilha da generalização, é necessário chamar a atenção para uma diferença fundamental: a cultura visual. Ao dar ênfase à “imagem” como objeto de estudo e investigação e como meio de transmitir e transportar realidade material, não deve ser confundida com a comunicação e os estudos sobre mídia que tem foco nos “modos de transmissão. (OLIVEIRA, 2007, p. 30).

Portanto, é notório que a cultura visual dá ênfase à imagem, tendo-a como objeto principal de estudo e investigação. Já os estudos sobre comunicação e mídia têm como objetivo os meios e modos nos quais a mensagem será transmitida.

De acordo com Hernández, os estudos da Cultura Visual nos permitem a aproximação com estas referências culturais, que estão ligadas diretamente aos modos e maneiras, nos quais crianças, jovens, famílias e educadores se olham e são olhados. Esta reconstrução dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades.

No caso da educação, esta tarefa tem a ver com a própria função mediadora da Escola como instituição social, com o papel do currículo em termos da afirmação/exclusão de formas de poder e de saber, e com algumas representações que se autorizam frente a outras que se excluem.

Na atualidade, a cultura visual é importante, não apenas como um objeto de estudo ou como um tema fundamental a ser abordado na escola.

2.2 ARTE EDUCAÇÃO E A CULTURA VISUAL

A arte é um saber e, por isso nos leva a pensar, refletir e a questionar, sendo uma função essencial ao homem, indispensável ao indivíduo e às sociedades, ela disposta como expressão da história de um povo aperfeiçoando e singularizando seus valores culturais e se impôs como uma necessidade desde as origens pré-históricas.

Vivemos em um mundo onde o que vemos tem muita influência em nossa opinião, É mais capaz de despertar a nossa subjetividade e possibilitar inferências de conhecimento do que aquilo que ouvimos ou lemos. Com base nisso, Hernández preocupa-se para que haja reestruturação da Escola, dos museus e universidades, de maneira que, nestas instituições, seja possível aprender práticas vinculadas a um novo alfabetismo visual (*visual literacy*). Citado por Hernández, Bigas Luna, diretor de cinema, fala que as pessoas analfabetas do século XXI serão aquelas que não saberão construir narrativas com imagens.

Está alfabetizado hoje significa muito mais do que significava para os nossos pais e avós. O professorado enfrenta o desafio de ensinar os estudantes a ler, a escrever, e a expressar-se, utilizando e combinando textos que expandem os modos de comunicação – linguístico, visual, áudio, gestual e espacial. Ser, na atualidade, um professor, que dizer desenvolver capacidades de ensinar, de comunicar-se e ser compreendido por crianças e jovens de diferentes origens culturais e sociais, muitas vezes têm interesses, crenças e valores específicos que representam diferentes grupos e micro comunidades. (In, Hernández, 2007, p. 59)

O local onde aprendemos a ler e a escrever é a escola. E como já foi comprovado que as imagens têm um poder de influência sobre a vida do homem, e o dever da escola é formar cidadãos críticos, é de fundamental importância que esta capacite seus professores para trabalharem a cultura visual com os estudantes, alfabetizando-os para a leitura de imagens.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2002), através da leitura das obras de artes plásticas, estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. Isso a prepara para o entendimento das artes visuais e, ainda, para o entendimento da imagem, quer seja de artes ou não.

O trabalho da leitura de imagens tanto fixas como em movimento, deve ser valorizado pela escola e trabalhado através de projetos pedagógicos que viabilizem o entendimento das artes visuais junto aos alunos, formando neles um senso crítico.

Hernández (2007) defende, que atualmente, um novo regime de visualidade impera e não podemos ignorar isso. Devemos nos propor a ajudar crianças e jovens, como também educadores, a irem mais além da tradicional obsessão por ensinar e a ver e promover experiências artísticas. Já que vivemos em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação, nossa finalidade deveria ser a de facilitar as experiências reflexivas e críticas.

Vivemos e trabalhamos em um mundo visualmente complexo, portanto, devemos ser complexos na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita. Se não se ensina aos estudantes a linguagem do som e das imagens, não deveriam ser eles considerados analfabetos da mesma maneira como se sássem da universidade sem saber ler ou escrever? Devemos aceitar o fato de que aprender como se comunicar com gráficos, música, cinema é tão importante como comunicar-se com palavras. Compreender suas regras é tão importante como fazer com que uma frase funcione. Estou falando sobre aprender à gramática, mas também sobre aprender como expressar-se. (Hernández, 2007, p. 24)

É positivo realizar experiências que permitam aos estudantes terem consciência e a compreensão de que as imagens influem em seus pensamentos, ações e sentimentos, bem como refletir sobre suas identidades e contextos sociohistóricos.

Com a necessidade de novos saberes para a educação, hoje, cada docente, ou qualquer pessoa interessada pela educação que queira compreender o que está acontecendo no mundo e, sobretudo, que procura interpretar e dar respostas ao que afeta a construção das subjetividades daqueles que vão a escola, não podemos nos limitar apenas a saber a matéria ou ter algum conhecimento sobre psicopedagogia. Devemos nos apropriarmos de outros saberes e de maneiras alternativas de explorar e de interpretar a realidade, em comparações as atuais disciplinas escolares. Saberes que nos ajudem a dar sentido ao emergente e ao mutável, a compreendermos a nós mesmos e ao mundo em que se vive, tanto por parte dos professores como dos alunos.

Com base na leitura da imagem no ensino da arte, Oliveira afirma que houve uma disseminação do interesse pela leitura de obra de arte na educação escolar brasileira após a publicação do livro “A Imagem no Ensino da Arte” (1991), de Ana Mae Barbosa. Antes, as atividades relativas às artes visuais desenvolvidas na educação escolar se limitavam ao fazer – desenhar, pintar, modelar etc.

Segundo Oliveira (2007, p. 98), no Brasil, a difusão da imagem e da prática de leitura da imagem no ensino artístico se deve a Barbosa. Ela divulgou intensamente ideias e propostas metodológicas de autores estrangeiros que trataram desse assunto – alias, trouxe muitos deles para cursos e conferências – e, junto com colaboradores, desenvolveu vários projetos que puseram em prática suas ideias sobre como trabalhar a imagem mediante o que, de início, chamou de “metodologia triangular”. Assim, ela contribuiu para uma mudança radical no ensino escolar de arte, que ela e outros autores compreendem como modernista – centrado na livre expressão e no fazer artístico – e que passou para um ensino pós-moderno de arte, em que o fazer artístico se agrega com o estudo da história da arte e a análise interpretativa de produção artística.

Ana Mae Barbosa (1998, p. 17) retrata, que em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagens, conscientizando-as de que estão aprendendo com imagens.

Em relação às imagens hoje, Ana Mae Barbosa afirma: “A Imagem é, hoje, um componente central da comunicação, com sua multiplicação e ampla difusão, com sua repetitividade infinita, estes dispositivos fazem com que, por intermédio de sua materialidade, uma imagem prolongue sua existência no tempo”. (Barbosa, 2002, p.75)

Barbosa (1991, p. 64) defende que “o importante não é ensinar estética, história e crítica da arte, mas desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte”.

A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. Isto não é só desejável, mas essencialmente civilizatório, porque o prazer da arte é a principal fonte de continuidade histórica, orgulho e senso de unidade para uma cidade, nação ou império.

Além disso, Barbosa defende que a arte na escola pretende formar o conhecedor, fluidor e decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando, ao lado de uma produção artística de alta qualidade, há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte apresenta o melhor trabalho do ser humano. Arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite da nossa consciência excede o limite das palavras. (BARBOSA, 2008, p. 4).

Os problemas enfrentados pela educação, em geral, são graves, e tornam-se ainda mais graves no tocante à arte-educação, tendo em vista que as demais áreas do conhecimento têm profissionais com formação pedagógica específica, porém, quando se trata da disciplina de Artes, poucos tem formação na área. Assim o bom desenvolvimento da disciplina fica comprometido, embora a formação pedagógica não seja fator determinante para ser um bom profissional ou não, mas, com certeza, contribui.

O fato é que os professores têm um “certo receio” em trabalhar a cultura visual em sala de aula: “Os professores, tradicionalmente, no Brasil, têm medo da imagem na sala de aula. Da televisão às artes plásticas, a sedução da imagem os assusta, porque não foram preparados para decodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos”. (BARBOSA, 1998, p.138).

Refletir criticamente sobre o ensino de arte na escola pode ser o começo de um processo constante de ensino/aprendizagem em arte, na qual ser professor, segundo Anamelia Bueno Buoro, é exercitar todos os dias um ato de amor, de paciência. É querer bem, é querer que seus alunos compreendam a realidade, assim interpretando e significando uma contextualização reflexiva, dialógica e crítica, despertando um olhar consciente, diferenciado do ver espontâneo.

Para Buoro (2002, p. 63), uma das funções centrais do ensino da arte na escola deveria ser esta: a de construir leitores sensíveis e competentes para continuar se construindo, adquirindo autonomia e domínio do processo, fazendo aflorar, desse modo, ao toque do próprio olhar, uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo.

3. PESQUISA DE CAMPO

Com base na pesquisa teórica, observamos que é possível utilizar a cultura visual como método de análise e produção de imagem. Para testificar isso, foi realizada uma pesquisa de campo com junto aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Sesc/Ac.

3.1 ESCOLA SESC/ ACRE

O Serviço Social do Comércio – Sesc foi criado em 13 de setembro de 1946 em um momento pós segunda-guerra mundial, onde se desenvolvia no país a industrialização e urbanização, além da grande multiplicação dos movimentos sindicais em favor dos direitos trabalhistas. O mesmo foi criado como uma instituição brasileira privada, sem fins lucrativos, que seria mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, atuando em todo território nacional, com foco prioritário para o bem-estar social dos comerciários e seus familiares, mas também aberto à comunidade em geral.

Atua no âmbito da educação, saúde, lazer, cultura e assistência social. Atualmente, o Sesc possui mais de 500 unidades fixas e móveis e a sua atuação ampliou-se para atender as demandas da sociedade. No Estado do Acre, a ação escolar propriamente dita começa a ganhar forma no início dos anos 90, momento em que começaram a ser desenvolvidas práticas de trabalho educativo com fins da escolarização. Porém, somente no ano de 2007 é que a escola implanta a oferta das séries iniciais do ensino fundamental nos dois turnos de funcionamento.

A escola Sesc/AC atende a uma demanda maior de alunos, pois, além da educação infantil, foi incluído o ensino fundamental do primeiro segmento, sendo que a prioridade visa atender a filhos de comerciários, com uma mensalidade acessível e com valor relativamente baixo, comparado com outras instituições de ensino privado.

A Escola Sesc/AC tem como proposta pedagógica alguns princípios, tais como:

- Compromisso com a qualidade do processo de transmissão e aquisição do saber e pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária;
- Possibilitar a construção da identidade pessoal e profissional de forma autônoma, sobretudo aos alunos trabalhadores;
- Favorecer a formação do aluno como ser humano em processo de desenvolvimento em suas diferentes dimensões: social, afetiva, psicomotora e cognitiva.

Atualmente, a Escola Sesc/AC atende a 646 alunos, 7 turmas de ensino infantil e 17 de ensino fundamental. Existem cinco turmas do 5º ano, sendo uma turma com 30 alunos pelo Programa de Comprometimento e Gratuidade - PCG, e o restante com pagamento de mensalidade com taxas simbólicas.

3.2 O PODER DA IMAGEM

Os procedimentos metodológicos que pautaram esta pesquisa foram baseados na aplicação do projeto intitulado “O poder da Imagem”, o qual foi realizado com os alunos do 5º ano do ensino fundamental. O objetivo do projeto era desenvolver a leitura de imagem, através da reflexão e contextualização da cultura visual. Ele foi desenvolvido em três etapas, sendo a primeira uma aula sobre cultura visual; a segunda, a leitura de imagens; e a terceira e última etapa, a divisão de grupos para leitura e debate das imagens. Após uma breve explanação sobre cultura visual, foi solicitado que cada aluno escolhesse uma imagem de sua preferência e descrevesse o que ele via na imagem. Foram selecionadas 12 imagens, entre as quais haviam obras de artistas conceituados no mundo da arte, como "A Negra", de Tarsila do Amaral; "O Lavrador de Café", de Cândido Portinari; "A Persistência da Memória", de Salvador Dali; "A Luta entre a Quaresma e o Carnaval", de Pieter Bruegel; e "Monalisa", de Leonardo da Vinci, mais duas imagens referentes à cultura de massa: Marilyn Monroe, de Andy Warhol; e Bob Esponja, de Stephen Hillenburg, além de fotografias do fotógrafo acriano Diego Gurgel.



Figura nº 01- Aldeia Indígena, Diego Gurgel, (2012)



Figura nº 02 – Bandeira do Acre, Diego Gurgel, (2012)



Figura nº 03 – A Persistência da Memória,
Salvador Dalí, (1931)



Figura nº 04 – A indígena, Diego Gurgel, (2012)



Figura nº 05 – Haitianos, Diego Gurgel, (2013)



Figura nº 06 – Marilyn Monroe, Andy Warhol, (1967)



Figura nº 07 "Dr. Raiz". Diego Gurgel, (2009)

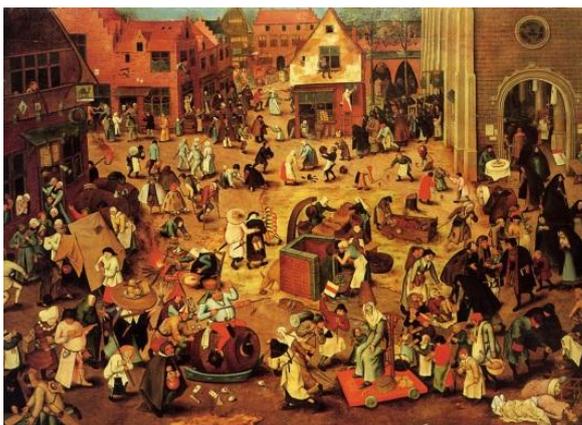


Figura nº 08 "A Luta entre a Quaresma e o Carnaval" de Pieter
Brueghel (1559)



Figura nº 09- Lavrador de café- Cândido Portinari, (1939)



Figura nº 10- Negra- Tarsila do Amaral, (1923)



Figura nº 11- Personagem do Bob Esponja (autor Stephen Hillenburg), (2012)



Figura nº 12- Monalisa, Leonardo da Vince (1503-1506)

A imagem que mais chamou a atenção dos alunos foi a representação do Bob Esponja da obra "Monalisa", de Leonardo Da Vinci, totalizando 56% da escolha dos alunos; seguido de 3% para a obra "A Negra", de Tarsila do Amaral; 3% para "O Lavrador de Café", de Cândido Portinari; 3% para "Monalisa", de Leonardo Da Vinci; 1% para a fotografia da bandeira do Acre, de Diego Gurgel; e 1% para "A Persistência da Memória", de Salvador Dali.

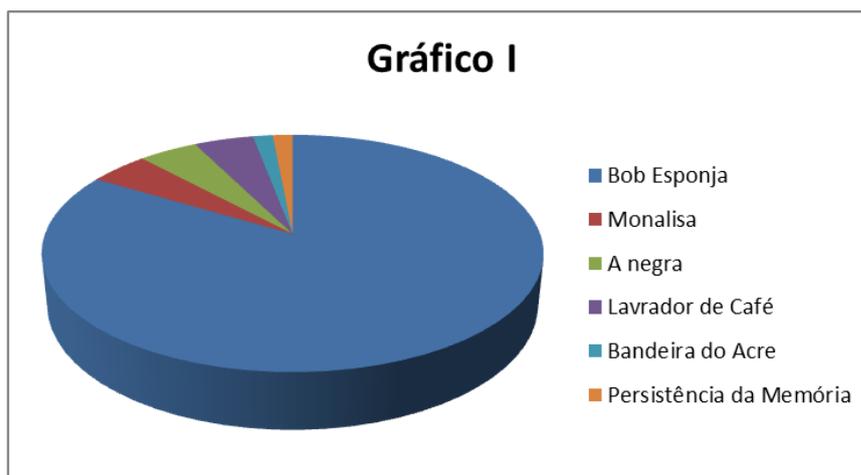


Gráfico nº 01- Percentual das imagens escolhidas

O grande percentual na escolha da imagem de Bob Esponja revela, entre outras coisas, a identificação dos alunos com a cultura de massa e, também, o fato do personagem fazer parte do universo infantil.

Todos os alunos, sem exceção, já haviam visto a obra "Monalisa" e também já haviam tido algum contato com o desenho animado "Bob Esponja". Portanto, houve uma cumplicidade maior do que com as outras imagens, ou seja, estabeleceu-se um diálogo com o universo deles, criando, assim, uma ligação e um interesse maior.

Leitura de Imagem realizada pelos alunos:



Figura nº 11 e 12 - Personagem do Bob Esponja (autor Stephen Hillenburg) caracterizado no quadro "Monalisa"

“Me passa uma coisa emocionante e engraçada, extremamente interrogativa, legal, interessante de entender. Já vi na TV. A imagem parece que está olhando para você, e está te passando sua própria felicidade.” (Wanessa, 10 anos).

“Eu achei engraçada porque é uma mistura da Monalisa com o Bob Esponja, e as cores dessa pintura são vivas e cores são mortas. Se pudesse, daria o nome para a imagem de Boblisa, pois a imagem é engraçada e chamativa”. (Isadora, 10 anos).

“É muito colorido e muito engraçado. A pintura é muito bonita e perfeita, muitas cores, frias e quentes. Ele está feliz. Eu vejo tudo isso”. (Beatriz, 10 anos)

“Ele está homenageando a Monalisa, porque a Monalisa é uma pessoa muito famosa.” (Douglas, 10 anos).

“Eu vejo que nessa imagem o Bob Esponja quis se fantasiar de Monalisa porque ele fica com o mesmo vestido e a mesma pose, o mesmo cabelo etc. Ele me faz rir, achar graça. Foi por isso que escolhi a do Bob Esponja, por ser engraçado”. (Ryan, 10 anos).

“Vejo o personagem famoso Bob Esponja vestido de Monalisa na cidade Fenda do Biquíni toda destruída. Ele está sorrindo com dois dentões no rosto, está usando vestido verde. É a primeira vez que vejo a imagem na vida. É muito bonita e engraçada”. (Gabrielly, 10 anos).



Figura nº 03- Lavrador de café, de Cândido Portinari (1939)

“Eu vejo um homem muito trabalhador que sofria. Eu acho que ele trabalhava em uma fazenda e os donos, os fazendeiros, faziam muita coisa a ele. Mas, no final, ele conquistou seu sonho de fugir e ser livre.” (Luís Felipe, 10 anos).

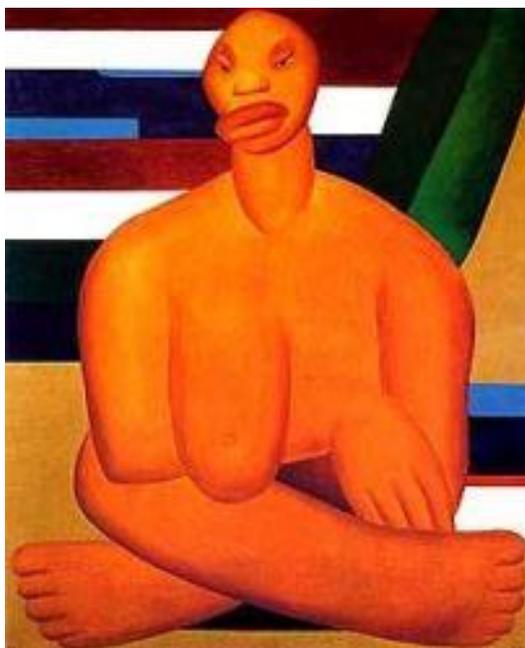


Figura nº 10- Negra, de Tarsila do Amaral (1923)

“Essa imagem me passa tristeza. Nessa imagem, a negra está bem triste e que está solitária”. (Laura, 10 anos).

O ponto relevante da primeira fase foi a receptividade dos alunos com relação à pesquisa, e o contato direto dos mesmos com as imagens.

Isso demonstra que a prática da disseminação da cultura visual dentro da sala de aula não faz parte do cotidiano dos alunos.

Na segunda fase do projeto, a turma foi dividida em seis pequenos grupos, onde cada grupo ficou responsável pela leitura comparativa de duas imagens.

O objetivo era proporcionar a troca de ideias entre eles, e verificar se a leitura das imagens seria diferente, a partir da comparação e de determinadas questões.

Leitura Comparativa das Imagens:



Figura nº 07 - "Dr. Raiz", de Diego Gurgel



Figura nº 08 - "A Luta entre a Quaresma e o Carnaval" de Pieter Bruegel, (1559).

1. O que você vê nas imagens?

Dr. Raiz luta contra os remédios naturais e os católicos lutam contra o carnaval.

2. Qual a diferença entre as imagens? Qual a semelhança?

A 1ª imagem retrata sobre os remédios naturais e a 2ª imagem da festa carnavalesca.

3. Qual a técnica utilizada para produzir as imagens?

1ª fotografia e 2ª tinta a óleo

4. Quais dessas imagens são de arte? Por quê?

As duas, porque arte é música, escultura, pintura e fotografia.

5. Qual a relação das imagens com o seu cotidiano?

Eu já fui ao mercado velho e já tomei remédios naturais, e eu vou à igreja.

6. O que nos contam estas imagens? Quais elementos na figura são determinantes para compreensão dela?

Dr. Raiz vende remédios naturais; elementos: remédios naturais. A luta entre a quaresma e o carnaval; elementos: em uma parte da imagem, existem pessoas bebendo, festejando e, em outra parte, pessoas rezando.

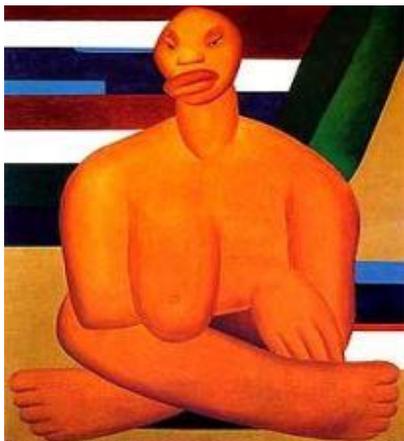


Figura nº 10 – A Negra, de Tarsila do Amaral, (1923)



Figura nº 04- A Índia, de Diego Gurgel

1. O que você vê nas imagens?

A imagem revela uma indígena que vive isolada do povo branco. A outra imagem revela tristeza, sofrimento e solidão de uma negra.

2. Qual a diferença entre as imagens? Qual a semelhança?

A diferença é que uma é obra de arte e a indígena é fotografia e a semelhança é que as duas estão tristes.

3. Qual a técnica utilizada para produzir as imagens?

Pintura e fotografia

4. Quais dessas imagens são de arte? Por quê?

A negra, porque foi pintada por Tarsila do Amaral

5. Qual a relação das imagens com o seu cotidiano?

Sim, existem no nosso cotidiano índios e negros, e que vivem em uma sociedade onde ainda existe muito preconceito com índios e negros.

6. O que nos contam estas imagens? Quais elementos na figura são determinantes para compreensão dela?

Que nos contam muita tristeza. Nas duas imagens, percebemos a tristeza pelos traços dos rostos.

Com base na pesquisa realizada, foi observada a dificuldade dos alunos com relação à leitura de imagens. A análise realizada por eles geralmente é superficial, ou seja, não buscam conhecer o pano de fundo da imagem, o contexto em que a mesma está inserida. Não houve muitos porquês ou questionamentos, e poucos se perguntaram de fato: O que está imagem quer dizer? O que ela representa? E se transmite uma mensagem, e que mensagem transmite.

É importante ressaltar que o objetivo da pesquisa era conhecer como seria a receptividade dos alunos com relação à leitura de imagens e como seria esse processo, se os alunos teriam dificuldades em compreender ou não, e também o que eles viam e como viam antes de receberem qualquer informação sobre contexto social ou técnicas empregadas em cada imagem.

O objetivo do projeto foi relativamente alcançado. Fica claro que para atingirmos todas as etapas da leitura de imagem, seria necessário provocar mais o senso moral e crítico dos alunos, permitindo que estes criassem suas próprias perguntas ao invés de apenas responderem perguntas prontas, além de uma prévia contextualização das imagens.

Entretanto, observa-se essa resposta como uma falta de exercício ou mesmo prática, pois, os alunos nunca haviam tido esse tipo de contato empírico com as imagens ou uma a leitura conotativa das mesmas. É notório que os alunos não possuem conhecimento pelo fato de não terem quem os ensine, cabe ao corpo docente, coordenação pedagógica e profissionais da área trabalharem para prepará-los a possuírem conhecimento, a fim de reconhecerem o valor das imagens e o que elas representam. Portanto, não há como desenvolver um senso crítico, sem o conhecimento e a exercitação do mesmo.

Com isso, propõe-se a inclusão de aulas voltadas à cultura visual, como método de análise e produção de imagem visando o aprimoramento de ludicidades interpretativas da arte e o conhecimento empírico delas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa, tanto em sua parte teórica como em sua parte prática, me fez constatar a grande importância da inserção da leitura de imagem em sala de aula, tendo em vista que vivemos cercados de representações imagéticas e que, através delas, somos influenciados em nossa forma de pensar e agir.

Portanto, não podemos simplesmente ignorar este fato, ao contrário, devemos alfabetizar visualmente nossas crianças e adultos, a fim de terem um olhar mais atento e, ao mesmo tempo crítico, sobre o que estão vendo e como estão vendo.

Toda e qualquer imagem traz em si uma mensagem, implícita ou explicitamente, mesmo ainda aquelas que não tenham esse objetivo. Se não soubermos ler tais imagens, estas se tornaram como verdades, quando, na verdade, nem sempre são.

Através do projeto “O Poder da Imagem”, busquei incentivar os alunos a se tornarem mais atentos e críticos às visualidades presentes no nosso dia a dia, dando como exemplo o consumismo desenfreado que a mídia quer nos passar e que, na maioria das vezes, não conseguimos perceber.

Ao trabalhar a leitura de imagem com os alunos, foi possível observar que uma boa estratégia para auxiliar na compreensão deles é usar duas ou mais imagens e desenvolver a técnica da comparação, e elaborar questões voltadas ao contexto social das mesmas, como também a diferença e a semelhança entre elas, quais são obras de arte e quais são apenas imagens do cotidiano, sem também nos esquecermos de inserir as proximidades compositivas, como a quantidade de elementos, a tendência a uma predominância de uma cor, a retratação de uma atividade com um ou vários agentes, entre outras coisas.

É notório que estar alfabetizado hoje vai muito além de saber ler ou escrever textos. É necessário compreender as imagens e conseguir contextualizá-las com nossa realidade. Portanto, esse é o dever da escola, alfabetizar seus alunos de forma completa.

Acredito ainda, que a série ideal para começar a desenvolver a leitura de imagens seja a partir do 5º ano, tendo em vista que nessa fase, os alunos deverão ter um domínio da leitura e da escrita. Portanto, estariam aptos a iniciarem um novo ciclo de aprendizagem, que deverá ser contínuo em sua vida estudantil.

Com a realização deste projeto, pude visualizar um pouco do meu futuro como arte-educadora, pois percebi que é possível trabalhar a leitura de imagem em sala de aula, e que é essencial para o bom desenvolvimento da educação. Proponho ainda a capacitação de cada docente que trabalha com Artes Visuais, para a inserção da leitura de imagem nas aulas de artes.

5. REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Figura 01: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/8201105945/> Acesso em 07/02/2014.

Figura 02: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/8203732367/> Acesso em 11/02/2014.

Figura 03: <http://portifoliemerson.blogspot.com.br/2010/04/quadro-persistencia-da-memoria.html/> Acesso em 13/02/2014

Figura 04: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/7799774676/> Acesso em 14/02/2014

Figura 05: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/8713700713/> Acesso em 15/02/2014

Figura 06: <http://moda-em-todo-lugar.blogspot.com.br/2012/11/explosao-pop-art.html/> Acesso em 16/02/2014

Figura 07: <https://www.flickr.com/photos/gurgel/3218022765/> Acesso em 18/02/2014/

Figura 08: <http://seletaenvelhecida.blogspot.com.br/2009/11/pieter-brueghel-e-o-carnaval.html/> Acesso em 22/02/2014.

Figura 09: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=1377/> Acesso em 23/02/2014.

Figura 10: <http://ujs.org.br/index.php/noticias/tarsila-do-amaral-formas-cores-e-estereotipos-nutrem-a-sua-brasilidade/> Acesso em 25/02/2014.

Figura 11: <http://tutanomole.blogspot.com.br/2012/07/bob-esponja-invade-as-pinturas-famosas.html/> Acesso em 27/02/2014.

Figura 12: <http://www.educolorir.com/imagem-mona-lisa-i17052.html/> Acesso 01/03/2014.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, ANA MAE (org.). **Inquietações e mudanças no ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, ANA MAE. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BUORO, ANAMELIA. **Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC/FAPESP/Cortez, 2002.

COSTA, MARISA. **Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares**. (org.). **Estudos Culturais em Educação – mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre, Brasil: Ed. UFRGS, 2004.

HERNÁNDEZ, FERNANDO. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre, Mediação, 2007.

OLIVEIRA, MARILDA DE OLIVEIRA (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria, UFSM, 2007.

OLIVEIRA, MARILDA DE OLIVEIRA a; HERNÁNDEZ, FERNANDO. **A formação do professor e o ensino das Artes Visuais**. Santa Maria, UFSM, 2005.

SESC – Serviço Social do Comércio. **História do SESC**. Disponível em: http://www.sesc.com.br/portal/sesc/o_sesc/nossa_historia/. Acesso em: 20 Abr. 2014.

Wikipédia. **A história do SESC no Brasil**. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_Social_do_Com%C3%A9rcio. Acesso em 18 Abr. 2014

Artistas Visuais. **Cultura Visual**. Disponível em:

<http://www.artistasvisuais.com.br/culturavisual/reportagemnoticia.asp?id=217>. Acesso em: 15 Abr. 2014.

ANEXOS

ANEXO A

PLANO DE AULA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Artes Visuais Ano/Série: 5º ano Tempo Previsto: 3h/aula;

Professora da Sala: Elaine Katt Rosa de Oliveira Costa;

Escola: Sesc Ensino Infantil e Fundamental;

Graduanda: Juliana Lima de Paulo Figueiredo;

2. OBJETIVOS

Este trabalho visa desenvolver a leitura de imagem através da reflexão e contextualização da cultura visual, com base na cultura visual como método de análise e produção de imagem;

Apreciar e ler imagens, além de compreender o contexto histórico e cultural de produção;

Conhecer o trabalho fotográfico de um artista de nossa terra, bem como aprender a valorizar seu trabalho;

Desenvolver o senso crítico relacionado às imagens midiáticas;

Incentivar os alunos a se tornarem mais atentos e críticos às visualidades presentes no nosso dia a dia;

Desenvolver a capacidade perceptiva, reflexiva e expressiva.

3. DETALHAMENTO DO CONTEÚDO

A Cultura Visual;

Visualidades do cotidiano;

A importância da leitura de imagem;

Desenvolvendo a leitura de imagem.

4. RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, *slides*, *pendrive*, imagens impressas, fita gomada, papel e caneta.

5. PROPOSTA DE ATIVIDADES

1ª etapa: Iniciar falando sobre Cultura Visual, perguntando quem já ouviu esse termo e quem sabe o que significa. Em seguida, explicar sobre a cultura visual e a leitura de imagem;

2ª etapa: Colocar 12 imagens no quadro, entre elas, imagens de arte, fotografias de Diego Gurgel e cultura de massa. Solicitar que cada aluno escolha uma imagem e descreva o que vê nela;

3ª etapa: Dividir a turma em seis grupos, com em média, cinco alunos, distribuir para cada grupo duas imagens, onde os mesmos deverão realizar a leitura de imagem, utilizando elementos comparativos entre elas.

6. AVALIAÇÃO

Leitura de imagem, participação e envolvimento da atividade realizada.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.flickr.com/photos/gurgel>

<http://www.brasilecola.com/artes>.

<http://www.revistaescola.abril.com.br>

ANEXO B







ANEXO C



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Artes Visuais – IdA
 Curso de Licenciatura de Artes Visuais – UAB/UnB



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Senhora Diretora da Escola SESC de Ensino Infantil e Fundamental

Sou aluno(a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, realizado por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB-UnB) e estou realizando atividades que contemplam projeto de pesquisa que visa trabalhar o poder da Imagem, como complementação ao desenvolvimento da pesquisa realizada mediante o Trabalho de Conclusão de Curso. Este estudo poderá fornecer maiores subsídios para o pleno desenvolvimento reflexivo sobre o contexto da pesquisa elaborada e, ainda, favorecer o processo de formação continuada, tanto dos professores quanto dos alunos envolvidos neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa, três encontros com duração de 50 minutos cada um, contando com uma palestra sobre cultura visual, e a realização de leitura de imagem com alunos.

Para isso, solicito sua autorização para o desenvolvimento de meu estudo, assim como autorização para o uso de imagens realizadas durante o processo de pesquisa nessa instituição escolar.

Esclareço que esta participação é voluntária. O aluno poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (68) 9952-1191, ou no endereço eletrônico julianalp@hotmail.com Se tiver interesse em conhecer os resultados da pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.
 Respeitosamente,

Juliana Lima de Paulo Figueiredo

Aluna do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - UAB-UnB

Autorização

Rio Branco, AC, 25 de março de 2014.

Rosana da Silva Rodrigues
 Direção Escolar

Escola SESC de Ensino Infantil e Fundamental – Rio Branco - AC